

----- **ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE SANTO ANTÓNIO** -----
----- SESSÃO ORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA DE FREGUESIA DE SANTO ANTÓNIO, REALIZADA NO DIA VINTE E SETE DE JUNHO DE DOIS MIL E VINTE E QUATRO. -----

----- **ATA NÚMERO QUINZE** -----
----- (Mandato 2021-2025) -----

----- Aos vinte e sete dias do mês de junho de dois mil e vinte e quatro reuniu na Casa da Juventude da Galiza, sita na Rua Júlio Andrade número três, em Lisboa, a Assembleia de Freguesia de Santo António, sob a presidência do seu Presidente efetivo, João Paulo Marques das Neves, coadjuvado por Inês Sofia Borges Silva, Segunda Secretária.-----

----- Assinaram a “Lista de Presenças”, para além dos mencionados, os seguintes Membros: -----

----- **Do Partido Social Democrata (PSD)** – Maria Elisa Manero de Lemos Rodrigues, Vitor Cândido Ribas Nobre José e João Pedro Serrano Mota Lopes. -----

----- **Do Partido Socialista (PS)** – Catarina Canongia de Alpoim de Gouveia Homem, João Carlos Silva Afonso e Maria Dalila Correia Araújo Teixeira. -----

----- **Do Partido Comunista Português (PCP)** – Sónia Carla Pinto Costa. -----

----- **Do Bloco de Esquerda (BE)** - Hernâni Custódio do Carmo. -----

----- Faltaram à reunião os seguintes Membros: -----

----- Paula Teresa Naia Fonseca Costa Correia Ribeiro -----

----- Miguel Vaz Freire -----

----- Joana Filipa Lourenço Mira -----

----- Às vinte horas e quarenta minutos, constatada a existência de *quórum*, o **Senhor Presidente da Assembleia declarou aberta a reunião.** -----

----- **PERÍODO DE INTERVENÇÃO DO PÚBLICO** -----

----- **Freguesa Marta da Silva** fez a seguinte intervenção: -----

----- *“O meu nome é Marta Martins da Silva, sou residente na Freguesia de Santo António há 35 anos, pelo menos, e gostaria de saber na Travessa do Noronha, para ser mais concreto.* -----

----- *Uma das questões que me tem preocupado nos últimos anos é o aumento da falta de segurança que existe no nosso bairro. No meu caso já houve várias tentativas de assalto ou tentativas de entrada no prédio e por muitas vezes encontramos pessoas que dormem, eu penso que sabem, na praceta, na Travessa do Noronha, dormem e pernoitam sem abrigos e pessoas que habitualmente não estão na zona. O meu carro, por exemplo, já foi assaltado três vezes nos últimos dois anos, com participações feitas à polícia.* -----

----- *Portanto, gostaria de saber se há algum plano ou alguma preocupação no sentido de melhorar a falta de segurança que tem existido nos últimos tempos.* -----

----- *Outra preocupação que também existe, eu penso que há uma promessa já feita há vários anos de tratar ou melhorar o jardim dessa mesma praceta, que neste momento se tem transformado num sítio onde é utilizado não sei por quantas pessoas que vivem no bairro, com cães que largam os dejetos no jardim. Portanto, há uma situação complicada, cada vez maior, porque cada vez há mais pessoas com cães e toda a gente decide, com animais toda a gente decide ir à nossa praceta.* -----

----- *Gostava de saber se mantém a intenção da Junta de Freguesia no sentido de fazer um jardim, que já há vários anos que penso que está no programa da Junta. Se sim, mais uma vez, quando é que pensam implementar o programa e que programa, ou se não há nenhum programa, se pelo menos existe uma solução de vedar e colocar uma vedação que seja alta, já que as pessoas não respeitam. Não sei se há forma de multar as pessoas ou não, mas não respeitam de uma forma correta e cívica, pelo menos quem vive ali,*

quem tem cães também e quem tem cuidado ao passear os animais. Ou pelo menos se não há alternativa nenhuma, pôr uma rede eventualmente alta, que de facto iniba as pessoas de irem lá para dentro com os animais. -----

----Por último, também outra situação que aconteceu e que é recente, penso que terá sido a Junta, não sei se a Junta ou se a Câmara, terá posto vários contentores para fazer a diferenciação do lixo, contentores esses que não são suficientes, também mais uma vez procurando que toda a gente deixe na paraceta os contentores, o lixo. Para já só há contentores para vidro, há um contentor para vidro, agora acho que dois, mas falta no fundo uma maior... há falta de alguma maneira de dar resposta à quantidade, mais uma vez, de pessoas que não sendo da rua também vão largar o lixo ao mesmo sítio. -----

---- No cimo da Travessa do Noronha também os contentores que existem não chegam para as pessoas que residem nas ruas próximas, o que faz com que a situação fique com mau cheiro na rua, com embalagens espalhadas por todo lado, vidros espalhados por todo lado. Portanto é meramente insuficiente, é insuficiente para a quantidade de pessoas que começam assim, algumas que já faziam a separação do lixo e que querem de facto fazê-lo de uma forma correta e não têm como. Não sei se a solução passa por fazer, no fundo, um alargamento da retirada do lixo, eventualmente, ou aumentar a capacidade, porque tem estado todos os dias num estado miserável. -----

---- Acho que para já são estas as questões. Obrigada.” -----

*---- **Freguesa Ana Marques** fez a seguinte intervenção:-----*

---- “Boa noite, sou a Ana Marques, sou vizinha aqui da Marta, vivo também na Travessa do Noronha e para lá dos problemas que a Marta já assinalou, esta questão da praceta, de facto eu queria talvez sublinhar também outros problemas, que é a questão das árvores que lá estão.-----

---- São árvores muito antigas, creio eu, estou lá há menos tempo, estou lá há dois anos praticamente, mas já aconteceu, eu tenho um cão e já aconteceu cair um galho em cima do cão quando estavam dias de vendaval, os galhos nas árvores partem-se com muita facilidade, aliás, neste momento há lá um galho que está caído no chão, deve ter sido o último temporal, ou vendaval, não sei e uma vez aconteceu, caiu em cima do meu cão, foi um momento um bocadinho assustador, digamos, mas pronto. Não há muita limpeza e eu usei aquela app da “Minha Rua” para identificar e muitas vezes a resposta não é imediata.-----

---- Portanto, eu acho que seria interessante saber qual é o projeto que há para a preceta, qual é a prioridade dentro desse projeto, se primeiro compreender o estado das árvores e perceber o que é que é preciso, porque ninguém quer, eu pelo menos não quero que as árvores vão abaixo, acho que são lindas, fazem parte ali da zona e dão imensa frescura à cidade, mas acho que é importante perceber em que estado é que estão, se precisam de alguma intervenção, o que é que é importante ali. -----

---- Acho que compreender a prioridade nesse projeto seria interessante e de facto entender qual é o projeto para a preceta. Aquela preceta tem um valor incrível aqui no centro da cidade e acho que se deve manter, mas melhorar a qualidade sem dúvida. ---

---- Outra questão que eu também queria levantar é o alcatroamento desta zona, Rua Matos Sequeira, que é o nome daquela rua a seguir à Travessa do Noronha, está num estado lastimável e as ruas também perpendiculares ali à volta na zona, é buracos, é o alcatrão que está todo rebentado. Não sei se há ali algum projeto também de alcatroamento, melhoramento das ruas, e também gostava de adicionar à preceta um projeto de melhoramento de iluminação. É muito escura a praceta, eu à noite não gosto de passear lá e não estou a dizer às tantas da noite, há ali de facto um problema de segurança, falta de iluminação mais próxima da rua, os candeeiros que lá estão são muito altos e sem luz. Acho que tem que haver um projeto inteligente virado mesmo para

quem habita a praceta, as pessoas que estão na rua, iluminação de rua, para que as pessoas possam passear com segurança e isso seria muito importante e relevante neste projeto. É isso só que eu tenho a assinalar.”-----

----- **Freguês João Rocha** fez a seguinte intervenção:-----

----- *“Boa noite Vasco, boa noite a todos. Eu moro na travessa há cerca de 30 anos, não moro há tanto tempo quanto a Marta, moro na parte superior da travessa, antes de mais vou dar os parabéns pela coragem de estarem no vosso cargo, não é fácil. Eu julgo que a nossa Freguesia é demasiado grande para tão poucas pessoas estarem a administrá-la, é um território demasiado variado nestas duas colinas.*-----

----- *Pegando nalgumas palavras da Marta, eu moro longe do jardim que lá está em baixo, há vários assuntos que me preocupam, têm a ver com o bem-estar de todos, de nós que somos mais novos e também das pessoas mais velhas, que estão sozinhas e de algum modo pouco cuidadas por todos nós. O estado da Travessa do Noronha, da parte de cima, junto ao centro de saúde, é miserável. Há 30 anos, desde que eu estou ali, nunca levou um tapete de alcatrão novo. É uma manta de retalhos, é inadmissível.*-----

----- *Não sei se cabe a vós, provavelmente vão-me dizer que cabe à Câmara Municipal. Nós olhamos para os órgãos que nos governam de uma maneira una, porque nós votamos num partido e acreditamos no projeto das pessoas que nos vão de alguma maneira administrar.*-----

----- *É lamentável, tanto a parte de cima da Travessa do Noronha como a Gustavo de Matos Sequeira, não terem da vossa parte ou da parte da Câmara o mínimo de atenção, o mínimo de cuidado. Os idosos não conseguem andar na rua. É inadmissível, em 2024, haver dinheiro para tanta coisa, não haver dinheiro para cuidar das nossas ruas.*-----

----- *Nós estivemos ultimamente em Paris, em bairros pobres, as coisas estavam extremamente cuidadas. Não é especulativo, não é para falar para a esquerda nem para a direita dos partidos. Não é admissível.*-----

----- *A Rua Gustavo de Matos Sequeira, que é uma das principais artérias do Príncipe Real, onde se juntam pessoas com mais posses e pessoas com menos posses, é de louvar aquela rua não ter da vossa parte nem da parte da Câmara o mínimo de atenção.*-----

----- *Mais uma coisa, voltando aos lixos. Eu presenciei a montagem da reciclagem que os senhores puseram, ou a Câmara pôs, no topo da nossa rua, na junção entre a Travessa do Noronha e a Rua do Noronha. Presenciei também a montagem dos contentores de vidro, junto ao jardim. Eu conheço, normalmente, todos os vossos funcionários e devo dar os parabéns. São todas pessoas fantásticas, que trabalham muito bem. São pessoas bem formadas, supersimpáticas, que trabalham ao sábado e ao domingo e que até se dão ao trabalho dizer bom dia às pessoas e de estarem junto dos munícipes. Eu acordo cedo e acabo por os conhecer a todos.*-----

----- *São impecáveis, dou-vos os parabéns, fazem um trabalho excelente, mas eles não conseguem fazer o que é humanamente impossível. A reciclagem junto ao Senhor Fernando, que eu penso que o Vasco deve conhecer, a reciclagem é uma perfeita vergonha.*-----

----- *Não digo que seja a vossa culpa, mas há uma coisa que deveria acontecer. Se a nossa Câmara Municipal, acompanhada pela EMEL, tem uma superequipa que nos persegue até à uma da manhã, nos persegue aos moradores... Eu vou-lhe explicar. Nós temos cães, e eu não tenho vergonha nenhuma de dizer que tenho cão, porque eu até hoje tenho aqui os cinquenta sacos para o cocó do cão.*-----

----- *A pergunta que eu faço é a seguinte: Se há corpo humano para andar de uma maneira quase pidesca a ver os carros e não estou a especular. Nós vamos muitas vezes à rua à noite, porque o nosso bairro não deixa de ser fantástico, especialmente aos dias de semana, eu anteontem apanhei, eu posso ser vossa testemunha se quiserem, apanhei*

uns funcionários do Obicà, da pizzaria, a despejarem lixo junto à porta de trás da Universidade Aberta. Os funcionários do NUMA vão descaradamente pela rua abaixo até ao caixote do lixo a seguir ao arco da Rua do Arco a São do Mamede, lá em baixo, todos vocês devem conhecer, ou todos os senhores devem conhecer, vão descaradamente pôr o lixo ali. O Obicà e o Numa estão frente a frente à Universidade Aberta. -----

----- Eu pergunto, não preciso que me respondam, nós somos obrigados a cumprir, mas eles que têm uma faturação bastante simpática não são obrigados a ter caixotes do lixo? Ou a igreja e as freiras não deixam que haja ali uma merecida reciclagem? É porque há aqui qualquer coisa que eu não entendo. Aquele largo da igreja, nunca se vê ali infraestrutura nenhuma, ou os senhores da igreja são demasiado poderosos, porque nós sabemos quem eles são... o Vasco já uma vez me disse, nas eleições, que os senhores têm uma certa dificuldade em fazer uma ilha enterrada, mas o largo da igreja é gigante, não seria possível pôr ali duas ilhas gigantes de reciclagem? As pessoas agarravam, esta senhora que mora também do lado lá e nós... é porque é assim, aquela ilha que nós temos no topo da Rua do Noronha e da Travessa do Noronha é assaltada constantemente. ---

----- Voltando ao início, não há polícias para estarem ali à paisana até às onze, meia-noite, para lhes darem uma multa e porem-nos na linha? -----

----- Eu só queria dizer mais uma coisa que já há alguns anos eu pergunto. Penso que nós pagámos no orçamento participativo há uns anos o restauro dos jardins da Faculdade de Ciências. Eu pergunto porque é que nós, todos moramos na Freguesia, porque é que nós não temos acesso permanentemente ao jardim se nós também participamos para o pagamento das obras do jardim da Faculdade de Ciências. -----

----- É que, para rematar, nós vivemos na melhor zona de Lisboa, tecnicamente falando, do Rato até ao jardim de São Pedro de Alcântara não há nada. Não há intervenção nenhuma, não há nada. Nem parece que estamos em Lisboa e em uma cidade como a nossa é muito pouco ambicioso o nada que nós temos. -----

----- Obrigado.” -----

*----- **O Senhor Presidente da Junta** começou por agradecer a presença de fregueses com os assuntos que levavam ali. Era efetivamente ali que tratavam das coisas e como a Junta de Freguesia era de Santo António, mas não era o Santo António, não conseguiam estar em todo o lado ao mesmo tempo e agradeciam as informações que por vezes ali chegavam. Por exemplo, de dia não conseguiam ver os candeeiros fundidos.-----*

----- Já tinha enviado uma mensagem à equipa da Câmara e o diretor da equipa noturna disse que ia lá mandar o piquete para ver o que se passava. Primeiro iam ver se algum estava fundido ou se estava desligado, ou se não teria no dia seguinte uma mensagem a dizer que as copas nas árvores não deixavam passar a luz, porque por vezes também acontecia,-----

----- No Largo de São Mamede não podia haver ilhas enterradas porque toda a estrutura da EPAL passava ali por baixo. Não era por causa da igreja, nem por causa daquele convento ao lado. Toda a zona ali por baixo tinha infraestruturas da EPAL, não se podia furar muito ali. Foi pensado pôr ali qualquer coisa, mas depois de verem as plantas e fazerem a prospeção não deu. -----

----- A época das podas não podia ser sempre que levavam o problema, porque podiam podar numa altura e depois a árvore não resistir. Estavam agendadas as podas para a época em que podia ser. Por exemplo no Largo da Anunciada, porque as copas já estavam a fazer cruzamento umas com as outras e não deixavam sequer passar luz.-----

----- Sobre a segurança, apresentaram uns anos atrás e foi compromisso a volta dos guardas noturnos. Esse projeto foi apresentado ainda no mandato passado. Não podiam ter um guarda noturno só porque queriam, tinha que haver uma série de regras e regulamentos para ter. Iria estar outro regulamento novo em discussão, mas o existente

não permitia que as Freguesias assumissem uma parte dos custos do guarda-noturno. Poderiam contratar ou fazer chegar, mas também não havia guardas noturnas porque tinham que ter uma série de regras novas, mas dentro em breve estaria em discussão pública o novo regulamento dos guardas noturnos, no qual participaram com as opiniões que achavam. -----

----- Quando se fez a revisão administrativa mexeu-se apenas nas fronteiras e não se mexeu em mais nada, não se mexeu nos agrupamentos escolares, nos agrupamentos de segurança, não se mexeu nas divisões da polícia. Era um bocadinho como faziam tudo em Portugal, começavam pelo telhado e depois iam aos poucos mudando a situação. ---

----- Iria entrar o regulamento em discussão para que a Freguesia pudesse ser o suporte maioritário da despesa com o guarda noturno. No entanto, não invalidava que as pessoas que se queriam associar ao guarda noturno também não pudessem fazer o que se fazia antigamente, em que o guarda noturno recebia 100 escudos do carro A e do carro B e fazia a volta, mas não podiam avançar com isso e não havia guardas noturnos. Assim que acabasse a discussão pública e fosse à Assembleia Municipal para ser votado, a partir desse momento estariam capacitados para conseguir ajudar mais essa valência. Quando a discussão pública fosse publicada iriam informar. -----

----- Em relação aos sem-abrigo, estavam com um aumento que não era escondido, era mesmo uma coisa pública, infelizmente. Havia algumas políticas levadas a cabo pelo actual Executivo da Câmara e pelo da Junta naquilo que lhes respeitava a competência e onde podiam ir. Podia dizer que desde 2013 até agora, tendo feito sempre parte do Executivo da Junta, conseguiram retirar dois sem-abrigo da rua. Um morreu porque já tinha patologias com ele e o outro, entre recaídas que teve e tratamentos para a alcoologia, conseguiram mantê-lo durante quatro ou cinco anos, mas depois ele desapareceu.-----

----- Era uma população muito volátil, ou os apanhavam logo assim que eles chegavam ou então, da experiência que tinha, seria muito difícil. Enquanto estavam a falar tinha mandado mensagem à sua equipa da acção social para fazer um reforço de visita noturna. Fazia-se uma visita noturna à área por mês em conjunto com a Santa Casa e com a Polícia Municipal, muitas vezes alguns também eram um pouco agressivos.-----

----- Dava-se o caso de algumas vezes estar quase a conseguir convencer à terceira visita, até porque se eles comessem a aceitar iam lá mais vezes, na visita a seguir ele ia e depois mudava de rua, porque sabiam como isso funcionava. -----

----- Agradeceu que tivessem feito a participação à polícia sobre o que acontecia porque muitas vezes ninguém dizia nada e a polícia dizia que não tinha números. -----

----- Quanto à praceta, existia um projeto que andou de um lado para o outro, tinham que pedir autorização aos técnicos da Câmara, se quisesse plantar ali sardinheiras eles diriam que não era possível plantar ali sardinheiras, porque havia normas. Existia um projeto para tornar o jardim mais aprazível, queriam criar um dog park e estavam à espera de autorização. Não seria muito grande, ou perdia-se ali uma parte do jardim, mas era um sítio para os cães irem e poderem fazer lá as suas necessidades, como tinham outro no jardim das Amoreiras. -----

----- A vedação era uma ideia a explorar. Visualmente não era bonito, mas depois não era dos cães nem de ninguém, tentariam ali fazer com que os cães tivessem um espaço e as pessoas tinham outro. Teria ali outra volta do arquiteto paisagista, tentariam alargar um pouco a parte de baixo, o passeio de baixo não ser tão largo porque não havia necessidade. Estavam a trabalhar com a Câmara nisso e por vezes as coisas demoravam tempo demais para a necessidade, mas iam nesse sentido. -----

----- Na questão dos cócós dos cães tinha que ser a Polícia Municipal ou a PSP, porque não podia chegar ao pé de alguém e dizer que estava multado. -----

----- Pediu que deixassem o contato para marcar uma reunião no local com os técnicos e entre todos discutirem. Já tinha mostrado o que entregaram à Câmara e seria para discutirem no local a situação da praça. -----

----- Sobre o lixo na Travessa do Noronha, normalmente tinha de manhã uma mensagem de uma pessoa que morava ali quando havia exaustos. Ao lado da estância também havia um sítio de depósito de lixo, até antes do prédio de esquina estar arranjado era ali largado. -----

----- Encaminhava a mensagem para as equipas, havia uns que não eram com a Junta e mandava para a Câmara, como ainda agora tinha pedido o reforço de caixotes para a zona, mas havia muitos moradores daquela zona que se recusavam a ter caixote de lixo no prédio. O lixo tinha que ser deixado em algum lado, se as pessoas não deixavam no caixote delas iam reforçar o caixote de outros. Podiam não usar por opção, mas quando eram apanhados levavam multa. Havia alguns elementos de restauração na Freguesia e as multas já ascendiam aos 7500 euros. -----

----- A fiscalização andava na rua, de vez em quando iam mexer no lixo, por vezes até apareciam sacos abertos com uma fita à volta a dizer “fiscalização”. Mexia no lixo para tentar agarrar faturas com o nome e morada do lixo e depois a respetiva coima era enviada com a fotografia e com o auto. Imaginassem que apanhavam o Obicà, fotografavam o lixo, fotografavam a fatura em frente ao saco do lixo, faziam um auto, era entregue ao advogado que fazia todo o processo e mandava-se a respetiva multa, tinham que os ouvir. -----

----- A maior parte das pessoas ali sentadas felizmente eram da Freguesia, fossem poder ou posição. Multas havia, mas era preciso apanhar. Por exemplo a Rodrigues Sampaio nessa semana foi, alguém despejou sacos com cerca de 200 quilos na rua. Era curioso que chegava a casa às quatro da manhã porque tinha ido ver um concerto e toda a gente sabia, mas aqueles sacos nunca ninguém viu quem os deitou, era estranhíssimo. -----

----- Ainda sobre a segurança, quando houvesse a finalização da discussão pública, o que pedia era que continuassem a fazer aquilo que tinham feito. Se houvesse algum assalto, esperava que não, fizessem sempre queixa para poderem atuar. -----

----- Havia ondas de assaltos, por exemplo tinham na Rua da Glória uma altura em que sabiam que iria haver mais assaltos, era alguém que saía ali da zona e já sabiam o que iria acontecer a seguir, uma questão de tempo até a polícia o apanhar e quando o apanhava baixava tudo outra vez. -----

----- Agradecia que fizessem queixa para se poder falar com números e bases, ou achavam que o Presidente da Junta era maluco. Dizia isso sem nenhum despautério, já tinha falado em várias coisas que aconteciam na Freguesia e a polícia dizia que não tinha esses números, porque as pessoas não faziam queixa. Agradecia por levarem avante essas coisas. -----

----- Alcatrão da Gustavo Marques Sequeira, já pediram informações porque estavam a ser revistas muitas ruas da cidade e mandou-se uma mensagem para saber qual a decisão. -----

----- O projeto 121 da universidade, do Jardim Botânico, aquilo teve uma proposta de orçamento participativo e que não contemplava a entrada dos fregueses naquele espaço. Houve um mito urbano de que os fregueses tinham direito a entrar de borla, na altura tinha estado com o diretor da universidade e os fregueses entravam de borla como entrava toda a gente antes do jardim começar a cobrar entradas. Era onde atravessava para ir para casa, mas a partir de um momento meteram cancela e perceberam que podiam ganhar algum dinheiro com aquilo. -----

----- **Interveniente não identificado** disse que também tinha morado na Travessa do Noronha, casara em 1988 e estivera lá até 1995, no 26 da praça. -----

----- Era assessor do Senhor Vice-Presidente da Câmara e tinha pedido agora ao gabinete jurídico, mas ninguém estava a responder. Essa proposta passou por si duas ou três semanas atrás e devia estar quase a ir para discussão pública, esperando que até ao final do ano estivesse resolvido e no próximo ano já pudesse haver guardas nocturnos. -----

----- Quanto à pavimentação, tinham verba para pavimentações rápidas, não eram de fundo. Tinha dado ordem à pessoa que tratava disso para ir ver as duas ruas e aquilo que poderia fazer... -----

----- (diálogos cruzados) -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia** disse que tinha sido um debate interessante, ficavam com o lobby da Travessa do Noronha e até tinham uma pessoa da Mesa a apoiar. -----

----- Pedia que deixassem os contactos que entendessem adequados para, quando fosse necessário ir ao local, ter ali alguns moradores. Estavam dois fregueses que viviam ali há mais de trinta anos e conheciam bem os detalhes. -----

----- Referiu que tinha dois temas antes do período da ordem do dia. O primeiro era a aprovação da ata da sessão anterior e perguntava se havia algum reparo ou correção que quisessem fazer. -----

----- Como já tinha falado informalmente com alguns Membros da Assembleia, juntaram sem compromisso, era uma decisão que cabia aos Membros da Assembleia tomar e passava a ler: -----

----- *“Foi publicado no segundo suplemento do Boletim Municipal, número 583 da Câmara Municipal de Lisboa, de 20 de junho de 2024, um aditamento ao contrato de delegação de competências celebrado entre o Município de Lisboa e a Freguesia de Santo António, no âmbito do Fundo de Emergência Social e da Recuperação de Lisboa, vertente de apoio e agregados familiares, que se altera algumas regras de funcionamento do Fundo de Emergência Social e da Recuperação de Lisboa, vertente de apoio de agregados familiares, importante instrumento de apoio social aos cidadãos de Lisboa que vivem situações menos favoráveis.* -----

----- *Atendendo à data de receção da documentação da Câmara Municipal de Lisboa, que foi em 21 de junho de 2024, dia seguinte ao da publicação do Boletim Municipal, não foi possível inscrever a apreciação e eventual aprovação deste aditamento pelo órgão competente que é a Assembleia de Freguesia, na ordem de dia 27 de junho de 2024.* -----

----- *Contudo, atendendo à importância do que o aditamento se reveste para a manutenção e reforço dos apoios sociais aos fregueses da Freguesia de Santo António, vimos no disposto nº 2 do artigo 50 da Lei nº 75/2013 propor que a Assembleia de Santo António aceite a inclusão deste ponto na ordem do dia para a sessão de 24 de julho e aprecie, delibere, sobre a proposta nº 1477/A-24, que é o aditamento do contrato de delegação de competências celebrado entre o Município de Lisboa e a Freguesia de Santo António em Lisboa, no âmbito do Fundo de Emergência Social e da Recuperação de Lisboa, vertente de apoio a agregados familiares.”* -----

----- Disse que, entretanto, tinha enviado o documento e não sabia se tiveram oportunidade de ler, não lhe parecia um documento muito extensivo, mas ficava à consideração e gostaria que se pronunciassem sobre esse ponto em particular. -----

----- **Membro João Afonso (PS)**, referindo-se a uma intervenção que não ficou totalmente registada e com a qual concordava, disse que de facto o alcairão já alcançou o lancil, o que significava já ter muitos anos de cargas de alcairão em cima. -----

----- Recordava uma proposta que constava no programa eleitoral que não ia a propósito, mas fazia sempre sentido, que era a necessidade de pensar a acessibilidade pedonal e o processo de intervenção no espaço público. O espaço público não era os jardins, os

espaços nobres da Freguesia, mas sim o seu todo e isso seria importante para todas as Freguesias de Lisboa, para essa obviamente que estavam a falar, ter uma capacidade das Freguesias articularem com a UIT uma lógica de intervenção, um escalonamento, uma calendarização. Um processo em que se pudesse dizer onde iam intervir durante os quatro anos de mandato, recuperando determinadas frentes, criando vias de acesso, eixos preferenciais de circulação, possivelmente experimentar tirar a circulação automóvel de alguns pontos, limitar de alguma forma. Mas isso era um processo que exigia uma articulação entre Juntas Freguesia e Município. -----

----- Não era um problema de agora, com quem estava nesse momento, era um problema que ia de trás, mas que possivelmente as Unidades de Intervenção Territorial deveriam ter servido para melhorar essa articulação de Freguesias e Câmara. Não parecia que isso tivesse acontecido. Funcionava na emergência, funcionava no quotidiano, mas não via que isso acontecesse no planeamento. -----

----- A questão dos resíduos, apesar das muitas melhorias que se iam verificando e o facto que foi notável, o processo de transição das competências municipais para a competência das Freguesias, em termos de criação de equipas de trabalho, achava que se tinha vindo a verificar nos últimos anos um retrocesso, especialmente nas zonas com maior pressão turística, que era o caso da Freguesia. -----

----- Portanto, algo tinha que ser pensado. Também não era uma crítica política. Quem estivesse lá na Câmara teria o mesmo problema. Havia de facto um aceleramento, um crescimento exponencial da produção de resíduos em Lisboa que não estavam a ser capazes de dar resposta. -----

----- Sobre a possibilidade de votar esse aditamento, não via qualquer inconveniente. Aliás, só levava vantagens, significava mais dinheiro para chegar aos fregueses. -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que existiam vários projetos de acessibilidade, uns a serem criados e outros a serem desenhados, outros já implementados. Na Freguesia deram essa prioridade às zonas onde eram identificadas pessoas de mobilidade reduzida. Dava o exemplo da Luciano Cordeiro, em que tinham um senhor que, para fazer a sua vida normal, precisava de rebaixamento dos passeios nas passadeiras para conseguir ir ao Minipreço, para conseguir ir ao banco, para conseguir... e na zona de caminho identificada por ele, trabalhava na Universidade Médica ali no Campo Mártires da Pátria, nas necessidades de caminho identificadas por ele na zona da Freguesia já fizeram esse rebaixamento com o apoio da Câmara. Passaram a bola para a zona de Arroios e pediram que naquele caminho fosse rebaixado também o passeio para ele conseguir ir onde precisava. -----

----- Existia a colocação de dois degraus para a Dona Genoveva sair a direito, tinham estado a dar essa prioridade. Não conseguiam chegar a todo lado, apresentaram uma proposta de CDC à Câmara... a REFER embargou a obra e enquanto não resolviam pediu-se aquele dinheiro do CDC para fazer rebaixamento e o levantamento de passadeiras. Uma verba à volta dos 100 mil euros que era para ser na recuperação de um largo, ia transitar para rebaixamento e levantamento de passadeiras. Era um bocadinho a questão de descobrir onde estavam as situações mais urgentes e depois, a partir daí, dessas estarem resolvidas, tentariam fazer uma geral. -----

----- A Avenida da Liberdade, apesar de ser alcatrão e baixinho, era muito difícil uma cadeira de rodas atravessar de uma ponta à outra sem ajuda. -----

----- **Membro Maria Elisa Rodrigues (PSD)** disse que concordava com o João, que tinha havido um aumento do lixo, mas se calhar era uma oportunidade, tinham que ser mais criativos. Por exemplo quando não tinham papel, aquelas limpezas que se faziam no fim do ano escolar para os filhos, mandavam-se os filhos fazer essa limpeza e deitavam o papel nos contentores da Junta. Também pegava por exemplo aqueles CDs que já não se

usavam, resto de têxteis. O que fazia era falar com a escola e levava lá esses materiais, que para si era lixo e para eles eram materiais que podiam transformar em coisas. -----
----- Dentro das ligações podiam fazer isso. Lembra-se que a ReFood há pouco tempo estava a pedir embalagens e tinham que se criar as redes, o que podia ser promovido pela Câmara ou pela Junta, ou até mesmo pelo próprio bairro, em que houvesse essa distribuição do lixo para um lado e materiais de criatividade para outro. -----
----- Tinha estado a fazer uma pós-graduação na Universidade de Lisboa e eles pediram tudo o que se tivesse de chamado lixo e que eram coisas plásticas, colheres, paus, até pequenos eletrodomésticos avariados exatamente para fazer protótipos. Portanto, o que era lixo para uns podia ser uma oportunidade para outros. -----
----- Não conhecia bem a zona porque vivia mais abaixo, mas ali tentava fazer isso. ----
----- **Membro Maria Dalila Teixeira (PS)** disse que se lembrava na sua geração os guardas noturnos terem praticamente desaparecido do radar. A profissão, entretanto, teve uma evolução que não foi aquela que enquanto profissionais de segurança tinham expetativa. -----
----- A competência para a criação dos guardas noturnos era do Ministério da Administração Interna e havia o regime jurídico da atividade de guarda noturno, salvando erro era uma Lei e não sabia se foi atualizada, mas era uma Lei de 2015. Portanto, o regime jurídico existia. O que competia às Câmaras Municipais era mais ou menos, não iria detalhar, era depois licenciar aquelas pessoas que manifestavam perante a Câmara a vontade de ser guarda noturno e cumprindo as tais exigências. -----
----- Era evidente que a segurança competia ao Estado, não havia dúvida. Portanto, conquista da Constituição e era uma atividade da competência para o Estado perante a Constituição. Não queria dizer que não pudesse haver outros modelos de segurança de proximidade que envolviam o Estado e as autarquias. Defendia que a segurança era sempre do Estado por comparação à segurança privada. -----
----- A segurança privada era uma atividade diferente e a do guarda noturno estava na fronteira daquilo que era um mecanismo de segurança de proximidade e que atuava muito na perceção de segurança, porque eles não estavam autorizados ao uso da licença e porte de arma. Era isso que os opunha ao Governo. Eles foram desaparecendo enquanto profissionais porque aspiravam a ter a licença de uso e porte de armas quando apenas eram atribuídas as chamadas armas de classe E. As armas para a classe E eram dissuasoras, eram aerossóis, gas pimenta já não era, já era outro tipo de produto, mas não era arma nem bastão, quando aquilo que eles queriam era ter licença de uso e porte de armas. -----
----- Era por isso que a Direção Nacional sempre se opôs, que a própria Constituição e a própria Lei de Segurança Interna não permitiam que pessoas que não estavam na GNR, na PSP, nos serviços e forças de segurança, usassem porte de arma. Era esse o seu enquadramento geral sobre a profissão. -----
----- Sobre a forma como autarquias podiam colaborar nisso, de facto competia à Câmara licenciar os profissionais. Queria ser guarda noturno, ia à Câmara e dizia que queria ser guarda noturno e tinha um cartão que habilitava a exercer essa atividade de guarda nocturno. Para rentabilizar a sua atividade batia à porta de um condomínio e perguntava se o queriam contratar, que guardava os carros e a casa e quem pagava era o condomínio, não era a Câmara. -----
----- Perguntou se estava na intenção das Juntas de Freguesia assumir os guardas noturnos quando houvesse essa discussão, quando houvesse um corpo de guardas noturnos. Esperava que a Câmara o fizesse e pessoas a quererem fazer isso, porque de facto era dissuasor, mas não era um agente da PSP nem um militar da GNR, nem tinha as mesmas competências. -----

----- Quem pagava eram as pessoas, não era obrigada a Câmara Municipal e queria perguntar ao Senhor Presidente se estava na sua intenção assumir o pagamento. -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** respondeu que uma parte do pagamento que sim e o alargamento da situação depois a Freguesia, quem quisesse, mediante o número de inscritos da Freguesia veria o seu precisavam de um, dois, três ou quatro guardas noturnos para fazer as zonas. -----

----- Estavam a utilizar a divisão de cantões, como era feito pelo ambiente urbano para esse futuro e possível projeto, mediante a escolha. Se fosse só a Freguesia contratavam dois, eles andavam pela Freguesia e serviria para alguma coisa, porque sabiam e seria explicado no lançamento que eles não prendiam, tinham que chamar a PSP, eram apenas elementos dissuasores e indicadores de alguma coisa que estava mal. Por exemplo sair fumo de uma janela às três da manhã e ninguém via, por estar tudo a dormir, eles ligavam para os bombeiros. -----

----- Os interessados iriam ter directamente com os guardas nocturnos adistritos à Freguesia. Isso era feito sempre na questão de ser possível ou não, por isso o regulamento tinha que alterar.-----

----- **Membro não identificado** disse que havia uma questão que foi levantada e que era importante, uma reflexão que se devia ter mesmo ao nível das Freguesias. Ligado à EMEL e ao estacionamento havia fiscalização, mas nas outras funções da administração local não havia um investimento sequer equivalente por parte das autarquias. Havia pouquíssimo controlo sobre a questão dos resíduos na Cidade de Lisboa. Era um contrassenso acreditar que podiam continuar a investir em infraestruturas, em meios humanos equipamentos sem fiscalização. -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que existiam várias propostas de alargamento de alguns serviços, estavam a ser negociadas com os sindicatos. Depois passava tudo por uma série de reuniões que eles tinham que ter uns com os outros. -----

----- Dois anos atrás plantaram 100 árvores, no ano passado foram 140 e no presente ano iriam plantar 200. Não era na Freguesia, que não conseguiam pôr 200 árvores ali, mas era na Serra de Sintra e no próximo ano o projeto passaria para pinheiros em Leiria. -----

----- **Membro Catarina Homem (PS)** disse que no início do mandato apresentaram uma proposta sobre orçamento participativo, não foi acolhida no primeiro ano, no segundo já foi, colocou-se uma verba em Orçamento de 11 mil euros. No ano anterior tinham-lhes dito que estavam a preparar o regulamento, entretanto não souberam mais nada, era para fazer um pouco o ponto de situação. -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que o regulamento entraria em discussão pública, como todos tinham que entrar depois de aprovados na reunião do Executivo. Depois iria à Assembleia de Freguesia para ser aprovado e pensava que na próxima já teriam.-----

PERÍODO ANTES DA ORDEM DO DIA

DISCUSSÃO E VOTAÇÃO DAS ATAS

----- Aprovação da ata número 14, relativa à AF Ordinária de 23 de abril de 2024; -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia**, constatando não haver mais intervenções, submeteu à votação a **Ata nº 14**, tendo a Assembleia deliberado **aprovar por unanimidade** dos Membros presentes na respetiva reunião. -----

----- Submeteu à votação a **integração na ordem de trabalhos do suplemento ao Boletim Municipal 1583**, tendo a Assembleia deliberado **aprovar por unanimidade**. -----

----- Referiu que essa proposta seria o ponto 5 da ordem de trabalhos, sendo que a informação escrita do Presidente passaria a ponto 6. -----

----- **Membro Maria Dalila Teixeira (PS)** apresentou o seguinte documento:-----

----- **Voto de Pesar**-----

“-----Pelo falecimento de Cristina Lobo Pimentel Fernandes -----
 ----- Cristina Lobo Pimentel Fernandes faleceu no passado dia 16 de junho de 2024. --
 ----- Nascida em Lisboa, a 24 de agosto de 1967, Cristina Lobo Pimentel foi uma mulher
 de convicções fortes, de luta por ideais, possuidora de um espírito humanista singular
 que a levou a dedicar boa parte da sua vida à defesa das causas públicas. -----
 ----- Cristina Pimentel, militante do Partido Socialista, encontrou no Poder Local
 democrático a melhor forma de vincar as suas ideias e de contribuir, de forma ativa e
 determinada, para melhorar a qualidade de vida das pessoas na cidade de Lisboa.-----
 ----- Foi autarca nesta Freguesia, vogal da Assembleia, entre 2005 e 2009, ainda
 designada como Freguesia de São Mamede. -----
 ----- Licenciada em Ciências Sociais e com Bacharelato na Área de Atores e também em
 Ação Social, Cristina Pimentel participou e impulsionou diversos projetos de âmbito
 cultural e social, nomeadamente a Academia Musical 1º de Junho de 1983, o Grupo
 “Persona”, a Associação Protetora da Infância e o coro da Associação Musical Lisboa
 Cantat, que nasceu na Freguesia então de São Mamede, bem como diversos programas
 de apoio e intervenção sociocultural de crianças e jovens. -----
 ----- Também na EMEL, onde exercia a sua atividade profissional com reconhecido
 mérito, Cristina Pimentel desenvolveu e impulsionou diversos projetos culturais,
 nomeadamente no âmbito do Grupo Desportivo e Recreativo da EMEL. -----
 ----- É, com profunda consternação que perante o falecimento de Cristina Lobo Pimentel
 Fernandes, a Assembleia de Freguesia de Santo António, reunida a 27 de junho de 2024,
 delibera o seguinte:-----
 ----- 1. Expressar as mais sentidas e profundas condolências à família-----
 ----- 2. Efetuar um minuto de silêncio durante a presente sessão como forma simbólica
 de homenagear a sua memória; -----
 ----- 3. Endereçar o presente Voto de Pesar, caso seja aprovado, à família de Cristina
 Lobo Pimentel Fernandes. -----
 ----- Lisboa, 27 de junho de 2024-----
 ----- Eleitos pela Coligação Mais Lisboa-----
 ----- Catarina Gouveia Homem, Dalila Araújo, João Afonso -----”
 ----- **O Senhor Presidente da Assembleia**, constatando não haver mais intervenções,
 submeteu à votação o **Voto de Pesar “Pelo falecimento de Cristina Lobo Pimentel
 Fernandes”**, tendo a Assembleia deliberado **aprovar por unanimidade**. -----
 ----- (Neste momento a Assembleia procedeu a um minuto de silêncio) -----
 ----- **PERÍODO DA ORDEM DO DIA**-----
 ----- **Ponto 1 – Análise, discussão e deliberação da Proposta referente a Protocolo
 com o Grupo Desportivo os Lâncias – GDL;** -----
 ----- **O Senhor Presidente da Assembleia**, constatando não haver intervenções,
 submeteu à votação a **Proposta referente a Protocolo com o Grupo Desportivo os
 Lâncias – GDL**, tendo a Assembleia deliberado **aprovar por unanimidade**.-----
 ----- **Ponto 2 – Análise, discussão e deliberação da Proposta referente a Protocolo
 com a Sociedade Filarmónica João Rodrigues Cordeiro – SFJRC;** -----
 ----- **Membro Sónia Costa (PCP)** começou por agradecer ao público ter ido à
 Assembleia, porque era sempre importante ouvir o público. Muitas coisas não saberiam
 se não fossem ali. -----
 ----- Não tinha nada contra, muito pelo contrário, esse tipo de organizações e associações
 da cidade, aliás considerava ser de extrema importância e, portanto, não queria que
 pensassem que estava ali para perseguir a Sociedade Filarmónica João Rodrigues
 Cordeiro. Já no passado tinha feito o mesmo tipo de perguntas e voltava a fazer a mesma
 pergunta que tinha feito quando um protocolo desses foi à Assembleia. Perguntava se

conheciam o tipo de atividades que tinham sido desenvolvidas. O valor de 10 mil euros podia ser muito ou pouco dependendo das atividades que eram feitas. -----

----- Não estavam propriamente a discutir isso, mas quando lia o plano de atividades era tudo muito vago e quando lia o protocolo também. Não se especificava nada, eram atividades de caráter recreativo, desportivo, cultural, social e/ou cívico com periodicidade mensal, não dizia o que era. Falava em “eventos específicos no 25 de Abril”, provavelmente até a Junta de Freguesia já conheceria os que foram feitos ou não. -----

----- Só queria saber que tipo de atividades conheciam, o que tinha sido feito, se os 10 mil euros estavam analisados e correspondiam àquilo que consideravam razoável para o tipo de atividades que conheciam e eram desenvolvidas. Era mais uma curiosidade do que propriamente outras coisas. -----

----- Voltava a referir que esse tipo de associações era extremamente importante e devia haver muitas mais, morreram imensas na cidade e as poucas que ainda viviam deviam ser defendidas, mas achava tudo muito... agradecia o esclarecimento. -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que nesse momento mais de 140 pessoas da Freguesia usavam diariamente o espaço da Rodrigues Cordeiro, em boxe, em ballet, em aulas de viola, aulas de zumba, aulas de capoeira, aulas de karaté, havia as reuniões para os jogos de futebol. Os 10 mil euros eram o pagamento anual da utilização. -----

----- Como sabiam, o movimento associativo morria na cidade não só pelos altos preços e por tudo aquilo que se passava agora, mas também morria por culpa de todo. Jogava à bola no Unidos da Glória antes deles passarem a ser só um café. Depois cresceram, se tinha feito filhos cedo havia quem não os fizesse. Não havia como alimentar as máquinas associativas com os miúdos do bairro a jogarem à bola ou outra coisa qualquer. -----

----- Nos anos 90 o associativismo entrou numa degradação tal, porque as pessoas iam para a coletividade por ser o único sítio onde havia televisão. O mundo evoluía, umas transformaram-se, outras aguentaram-se. As coletividades que se aguentavam eram aquelas que tinham sede própria, porque se tivessem que pagar a renda o senhorio queria que fossem dali para fora. Felizmente a Rodrigues Cordeiro comprou o prédio em bom tempo. -----

----- Só estavam a discutir isso porque em 2014 ou 2015, quando já não havia governos civis, eles queriam entregar a chave à Junta e ninguém queria isso. Tinha ido bater a sete ou oito portas a saber se continuavam a ser sócios e que fizessem uma direção, nem que fosse para “inglês ver”, a Junta punha ali atividades, usava aquilo. A partir daí fizeram já obras de recuperação do espaço e era a Freguesia que utilizava, sentia-se na obrigação de colaborar. -----

----- Na rede social percebia-se perfeitamente que era uma contrapartida de utilizarem aquele espaço todos os dias das cinco da tarde à meia-noite. Aos sábados e domingos era mais para sócios, as coisas deles, festas de anos, etc., mas de segunda a sexta das cinco à meia-noite eram coisas da Freguesia que lá aconteciam. Podia dizer que o boxe estava cheio e tinha lista de espera. Não era propriamente um desporto que lhe achasse muita piada, mas estava cheio. O karaté estava cheio, a dança das miúdas estava cheia.

----- Os 10 mil euros eram um pouco a contrapartida de utilizar aquele espaço todos os dias. -----

----- **Membro Maria Elisa Rodrigues (PSD)** disse que queria acrescentar a festa de Santo António que também fizeram, como também fizeram uns jogos de cartas, sueca, em que tinha ficado no segundo lugar. -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia**, constatando não haver mais intervenções, submeteu à votação a **Proposta referente a Protocolo com a Sociedade Filarmónica João Rodrigues Cordeiro – SFJRC**, tendo a Assembleia deliberado **aprovar por unanimidade**. -----

----- **Ponto 3 – Análise, discussão e deliberação da Proposta referente a Protocolo com a Alimentar Cidades Sustentáveis Associação – ACSA;** -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia**, constatando não haver intervenções, submeteu à votação a **Proposta referente a Protocolo com a Alimentar Cidades Sustentáveis Associação – ACSA**, tendo a Assembleia deliberado **aprovar por unanimidade**. -----

----- **Ponto 4 – Análise, discussão e deliberação da Proposta referente a Regulamento do Espaço Júlia – RIAV;** -----

----- **Membro Maria Dalila Teixeira (PS)** disse que não tinha nada contra esse regulamento e a sua intervenção ia no sentido de melhorar. -----

----- Esse regulamento esteve em consulta pública e, no fundo, estabelecia as regras de funcionamento desse espaço, que como todos sabiam era um espaço dedicado à violência doméstica e em que havia uma exposição grande da vítima. Sabiam porque era essa exposição, porque era necessário recolher informação. Se olhassem para os anexos a esse protocolo, era uma informação extremamente intrusiva na vida da vítima. Portanto, nada melhor do que colocarem-se nessa pele. -----

----- A situação de vítima já era aquilo que era, em circunstâncias de violência, fosse ela qual fosse e depois tinha que estar a dar informação daquele nível, porque era uma informação necessária recolher para que a técnica pudesse encaminhar para a polícia ou para as instituições que, entretanto, iam dar apoio. -----

----- A sua questão era que não via nesse regulamento e podia estar subentendido, não estava a dizer que não era feito nem a dizer que aquilo que ia propor a seguir não seria feito, mas gostava que isso ficasse escrito. -----

----- Não havia em momento nenhum no regulamento nada a dizer que toda a informação recolhida da vítima era protegida pela instituição, que nesse caso era a Junta de Freguesia. Por exemplo no artigo 6º havia uma descrição muito pormenorizada do que era feito quando a vítima chegava ao atendimento, o cartão de cidadão, bilhete de identidade e depois no ponto 3 dizia: “O processo individual da vítima é constituído pela ficha de admissão”, onde eram perguntadas aquelas coisas todas, se houve violação ou não, etc., sabia que essa informação estava no processo. -----

----- Depois havia uma ficha de consentimento por parte da vítima em como ela consentia essa recolha de dados e o tratamento desses dados, o que também era normal. A Junta não podia recolher esses dados sem consentimento da pessoa. -----

----- O que gostaria de ver nesse artigo era um outro ponto a dizer que os dados recolhidos nesse contexto estavam sujeitos às normas e regulamentos próprios da RGPD que a Junta de Freguesia tinha enquanto instituição, não era mais nada. -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que era pacífico. Esses dados não pertenciam à Junta, estavam na PSP, mas era pacífico. -----

----- **Membro Maria Dalila Teixeira (PS)** disse que o RGPD era muito claro, quando a pessoa dava informação a um técnico da Junta que merecia confinança e tinha que dar, do outro lado tinha que haver a garantia de que aqueles dados estavam cobertos pelo RGPD. -----

----- Não queria complicar, sabia que o RGPD era tenebroso nalgumas coisas, mas também protegia as vítimas. -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** referiu que não era uma rede da Junta, era uma rede própria que não estava sequer acoplada ao servidor da Junta, uma rede independente que estava no servidor das autoridades. -----

----- Não sabia a razão de não estar ali, talvez por não ser da Junta e estar na rede das autoridades, mas os técnicos funcionário da Junta estavam obrigados a cumprir tudo o que estava na Lei, mas iria enviar essa referência. -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia** disse que também tinha notado, mas ficara descansado porque se vissem a seguir a essas coisas que se iam preenchendo, não estavam à espera que a vítima chegasse ali e obrigassem a fazer um interrogatório e preencher isso. Era uma coisa que se fazia depois ou... -----

----- **O Senhor Presidente da Junta** explicou que era logo.-----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia** referiu que, independentemente disso, o Espaço Júlia ia com o logo e estava o logo da PSP, o Centro Hospitalar de Lisboa e a Freguesia, quando assinavam a declaração.-----

----- Também não sabia o que dizia respeito a Lei 112/2009 quando se fazia o termo de consentimento informado.-----

----- **Membro Maria Dalila Teixeira (PS)** esclareceu que era o RGPD.-----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia** referiu que, de qualquer forma, no termo de consentimento que estava lá escrito, tinha o logo da Júlia.-----

----- **Membro Maria Dalila Teixeira (PS)** disse que a pessoa assinava perante a entidade, consentia na recolha desses dados e na transferência para as autoridades. O que queria era que a Junta também declarasse à vítima que os dados que estava a dar era sob os regulamentos, as normas e os princípios da Junta de Freguesia.-----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia** disse que não ficavam com esses dados, pensava que nem tinham acesso.-----

----- **Membro Maria Dalila Teixeira (PS)** disse que sabia isso, mas recolhiam e a pessoa que estava a recolher tinha a ficha na frente.-----

----- **Membro Sónia Costa (PCP)** disse que a sua intervenção era mais para duas questões do que propriamente qualquer tipo de sugestão, porque de facto não era a sua área e havia quem percebesse muito mais disso. O que queria perguntar era quais as mudanças principais genéricas, não de pormenor.-----

----- **O Senhor Presidente da Junta** explicou que as genéricas iam das alterações da Lei, dos consentimentos informados. Tiveram que atualizar o que havia.-----

----- **Membro Sónia Costa (PCP)** perguntou então se em termos de matéria substancial não havia alteração.-----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que não, nem podia. O Espaço Júlia nascia da Convenção de Istambul, foi o primeiro país a ratificar aquele tratado e o primeiro país também, felizmente ou infelizmente, a apresentar um espaço desse género na Europa. Acontecia que, como era óbvio, ele foi crescendo e as dores de crescimento foram fazendo alterações. Essas eram alterações resultantes da normalidade das regras nacionais e, nesse caso, europeias.-----

----- Com as constantes visitas que tinham de entidades estrangeiras ao espaço, o GREVIO depois de ver utilizava o Espaço Júlia como exemplo lá fora para ser replicado em países onde não havia esse tipo de espaço.-----

----- A Membro Maria Dalila Teixeira tinha alertado e bem para isso, fariam com que constasse, não alterava nada de substancial.-----

----- Por exemplo a Rodrigues Cordeiro ainda tinha no seu regulamento original, porque também nunca os mudou, que a mulher para ser sócia precisava do consentimento do marido. Estava lá, a Rodrigues Cordeiro tinha 130 anos e o regulamento era assim. A regra estava lá, mas a Lei geral do país já fez cair essa regra.-----

----- O que acontecia era quererem estar atualizados com aquilo que existia. Era uma questão formal.-----

----- **Membro Hernâni do Carmo (BE)** perguntou se as estatísticas do Espaço Júlia eram divulgadas.-----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse que eram divulgadas pela PSP no final do ano no OGASI, no geral. Os números do Espaço Júlia eram englobados no geral, não havia especificidade nenhuma do Espaço Júlia, mas eram altos.-----

----- (diálogos cruzados) -----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia** disse que não tinha sido fácil ultimamente e via-se nas notícias dos media, não era preciso estar a olhar para as estatísticas do Espaço Júlia. Via-se nas notícias nacionais que não era um tema com uma progressão muito feliz.

----- Submeteu à votação a **Proposta referente a Regulamento do Espaço Júlia – RIAV**, tendo a Assembleia deliberado **aprovar por unanimidade**.-----

----- **Ponto 5 – Análise, discussão e deliberação da Proposta nº 1477 AF/24 – Aditamento ao CDC com o Município de Lisboa referente ao FES RLx;**-----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia**, constatando não haver intervenções, submeteu à votação a **Proposta nº 1477 AF/24 – Aditamento ao CDC com o Município de Lisboa referente ao FES RLx**, tendo a Assembleia deliberado **aprovar por unanimidade**.-----

----- **Ponto 6 – Informação Trimestral do Presidente do período compreendido entre 01/04/2024 e 30/06/2024;**-----

----- **O Senhor Presidente da Junta** disse para quem estava ali pela primeira vez que a informação escrita era mais detalhada do que estava no magazine da Freguesia, com as reuniões e as coisas que fizeram.-----

----- Quería mais uma vez e não se cansava de dar os parabéns à equipa que tinha a honra de ter ao seu lado a trabalhar para a Freguesia. Os três meses de trabalho estavam bem vinculados com o que a equipa fazia.-----

----- Na ação social, houve um pequeno incremento nos últimos tempos de pedidos de apoio, mas agora de uma génese muito nova. Isso já acontecia, mas era esporádico e estava-se a repetir, que eram casais em que um dos cônjuges ficou desempregado. Havia mais casos desse género na ação social, o que levava a agradecer a todos os comerciantes da Freguesia que apoiavam com os donativos em espécie. Por exemplo, podia dizer que na semana passada trocaram oito colchões em casas de pessoas, três deles com percevejos. Estava-se a voltar um tempo atrás e a classe média também já estava um bocadinho “afogada”.-----

----- No ambiente urbano andavam sempre a correr atrás do prejuízo. Os lixos eram mais, não tinham hora. Por exemplo passavam na Travessa do Noronha e apanhavam uma carrada de lixo, que se voltassem uma hora depois já estava outra carrada. Era impressionante, parecia que esperavam e iam lá pôr mais a seguir. A Freguesia devia ser o maior patrocinador do Ikea, porque só via caixas do Ikea por todo o lado.-----

----- Fez-se uma ação anti-beatas de tabaco que teve muito efeito durante o arraial. Colocaram-se quase 12 mil cinzeiros de bolso para as pessoas não deitarem as beatas para o chão. Foi uma ação patrocinada pela Tabaqueira, que vendia o veneno e vendia o remédio.-----

----- Andava-se à procura de uma forma de lavar as ruas sem gastar muita água, porque as lavagens foram aconselhadas a ser diminutas pelo ICNF. A diretora do ambiente urbano esteve numa feira em Espanha e havia uns carros com 500 litros de água que faziam o trabalho de 6000 litros. Estavam-se a pedir preços para investimento.-----

----- Na comunicação o trabalho era comunicar e eles tinham feito isso como ninguém. No Dia de Camões houve no arraial um almoço com 71 personalidades ligadas à cultura e com a presença do Engenheiro Carlos Moedas, desde escritores até pintores, produtores de eventos, artistas, cantores. Esperava que já tivessem ido ao arraial, que ganhou mais uma vez o prémio de arraial familiar do ano, dado pelas entidades competentes.-----

----- Uma coisa que muito o orgulhava e que ia terminar nesse mês foi o projeto da tenda do Parque Mayer. Tiveram mais de trinta eventos culturais, mais de 40 mil pessoas aos espetáculos que ali fizeram. Os fregueses repetiam-se a ir lá, mas se não foi a Freguesia toda, então foi quase toda e quem não foi era por opção, porque estava sempre cheio. Acabou-se isso com uma conferência “Cultura e desafios do poder local”. Também fizeram a Francofonia e acabaram a conferência com uns painéis de luxo e a presença do Senhor Presidente da Câmara na abertura e o Senhor Secretário de Estado no fim da conferência, com um elemento do Governo a tirar notas.-----

----- Não sabia se no Brasil se dizia Secretário de Estado ou outro nome qualquer, o Secretário de Estado ia falar com o do Brasil por causa da Lei do Mecenato que saía dessa conferência. Estava muito contente com isso porque a Lei do Mecenato Cultural tinha que ser alterada da primeira à última linha, não eram alterações formais, eram mesmo alterações de fundo porque só assim conseguiam ter cultura para todos.-----

----- Sobre a educação, estavam em conversações com as Vereadoras Helena Roseta e Sophia Athayde para obras estruturais na escola de São José e pendentes na escola Luísa Ducla Soares.-----

----- Nos espaços verdes era a manutenção dos mesmos. Conseguiu se mais nuns do que em outros, mas era como tudo, as verbas não eram ilimitadas e tinham que ir jogando com a verba existente para o desafio que lhes era apresentado.-----

----- Na gestão de capital humano, no último trimestre tiveram já mais quatro funcionários, dois que terminaram o 12º e dois que se formaram no ensino superior. Desde que tomaram posse, o número de pessoas formadas ou a terminarem os ciclos obrigatórios da sua idade, todos os anos conseguiam subir mais um patamar. Continuavam a ser convidados para ir dar formação nas outras Juntas de Freguesia, pela forma como tinham o licenciamento a funcionar.-----

----- Na manutenção do espaço público continuavam a correr atrás do prejuízo, tapavam um buraco e abria outro à frente. O casco velho da cidade, onde moravam, precisava de uma requalificação geral. No entanto, os trabalhadores juntamente com a empresa que tinham contratado tentavam chegar lá e tinham conseguido de alguma forma.-----

----- Em relação à proteção civil, as equipas que acompanharam o incêndio na Avenida da Liberdade, o hotel que estava para abrir e não abriu e nem iria abrir tão cedo, talvez daí a quatro ou cinco anos. O prejuízo do promotor da obra eram 16 milhões. Foi alguém que pertencia à equipa da Junta e que saiu para ir trabalhar no privado, porque era mais aliciante trabalhar no privado do que no público, deu alerta ao Regimento de Sapadores Bombeiros, a equipa dos Bravos de Santo António mobilizou-se e esteve no local as 48 horas. Em 23 anos que tinha de bombeiro só apanhara dois fogos desse tipo e o segundo foi aquele. O fogo num prédio desse tipo podia-se meter nas paredes e ele andou a brincar com os bombeiros dois dias, até conseguirem finalmente apanhá-lo porque caiu uma parte e conseguiram combater. Andaram assim 48 horas, desde que começou o incêndio até que foi dado como extinto.-----

----- A equipa da proteção civil não estava a apagar o fogo, como era óbvio, isso era com os bombeiros, mas comida, águas, fazer a gestão de mesas, de colocação de postos de comando, estiveram lá para tudo e mais uma vez estavam de parabéns. Tinham 42 pessoas nos Bravos de Santo António, todos eles formados com DAE e com uma série de valências e nessas coisas via-se que a formação ajudava.-----

----- Queria dar os parabéns à equipa toda e à equipa do Executivo, lembrando que o Senhor Tesoureiro ainda estava de baixa e ainda andava de muletas, devido ao acidente que teve em Viana do Castelo.-----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia** desejou as melhoras rápidas do Senhor Knapik, esperando que na próxima Assembleia já se pudesse juntar.-----

----- **Membro João Afonso (PS)** disse que o problema desse relatório era o mesmo, muito trabalho que ficava registado por parte dos trabalhadores da Junta de Freguesia. Mantinha o registo dos outros relatórios com um ou outro evento novo, havia sempre novidades a registar. O problema era a relação entre aquilo que se fazia e aquilo que era o compromisso político do Executivo. Não era o trabalho do quotidiano, era como toda essa atividade ali registada contribuía para cumprir as metas dos compromissos pelos quais foram eleitos e isso não estava no relatório.-----

----- Para lá da questão formal e da forma como era organizado o relatório e os contributos de cada uma das secções, achava haver um maior balanço entre as partes constituintes do que havia no início, efetivamente tinha que reconhecer que havia esse esforço. -----

----- Era um modelo que o Executivo optava para apresentar o trabalho. -----

----- Nesse relatório tinham não um ou dois, mas três Presidentes, o Presidente da Junta de Freguesia, o Presidente da Câmara de Lisboa e o Presidente da Câmara Municipal de Oeiras, que contou cada um com duas fotografias para esse relatório, o que era sempre uma forma de identificação e reconhecimento dos eleitos. -----

----- (diálogos cruzados) -----

----- **Membro Maria Elisa Rodrigues (PSD)** disse que tinha feito a campanha, tinha visto as promessas do Senhor Presidente e também frequentava na comunidade as atividades. Tinha ido à tenda ver o espectáculo do 25 de Abril e gostara muito. Trabalhava com várias pessoas na área da cultura e achava que estava de acordo com os relatórios e com as promessas eleitorais.-----

----- **O Senhor Presidente da Assembleia**, constatando não haver mais intervenções, leu a **Ata em minuta** referente à presente reunião e submeteu à votação, tendo a Assembleia deliberado **aprovar por unanimidade**. -----

----- Não havendo mais intervenções, deu por encerrada a reunião. -----

----- Eram vinte e duas horas e quarenta minutos.-----

----- Da sessão foi lavrada a presente ata que, depois de lida e aprovada, vai ser assinada pelos membros da Mesa presentes.

2º.SECRETÁRIO _____

PRESIDENTE
